

Construções epistemológicas e o papel do sujeito ativo no processo da informação a partir da competência crítica em informação: uma análise de caso

Epistemological constructions and
the role of active subject in the
information process from critical
competence on information: a case
analysis

Anderson Matheus Alves Arruda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0305-6176>

Especialista em Gestão e Tecnologia em Ciência da Informação pelo Centro Universitário CESMAC
Bacharel em Biblioteconomia pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas.
amatheusaarruda@gmail.com

Adriana Lopes Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0072-6958>

Especialista em Gestão e Tecnologia em Ciência da Informação pelo Centro Universitário CESMAC
Bacharel em Biblioteconomia pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas.
adrianalopesalves50@gmail.com

RESUMO: O debate acerca das habilidades informacionais do sujeito engloba discussões desde a própria origem epistemológica e definição de um objeto científico da Ciência da Informação. Este artigo apresenta uma linha de raciocínio acerca da natureza da informação como objeto de estudo e suas concepções. Contextualiza os paradigmas epistemológicos e influências interdisciplinares da Ciência da Informação ao abordar o papel do sujeito quanto a inclusão do mesmo no processo informacional. Em ambientação de competência em informação e competência crítica em informação, realiza-se uma análise de caso que busca demonstrar o sujeito ativo quanto às suas necessidades informacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Competência Crítica em Informação. Paradigma social. Processo informacional.

ABSTRACT: The debate about the informational abilities of the user includes discussions from the epistemological origin itself and definition of a scientific object of Information Science. This article presents a line of reasoning about the nature of information as object of study, its conceptions, contextualizes the epistemological paradigms and interdisciplinary influences of the information science when addressing the role of the subject as the inclusion of the same in the informational process. In an atmosphere of competence in information and critical competence in information, a case analysis is carried out that seeks to demonstrate the active user regarding his informational needs.

KEYWORDS: Critical information literacy. Social paradigm. Informational process.

1 Introdução

Compor distintas especialidades do campo da Ciência da Informação contribui substancialmente para o desenvolvimento e a consolidação da área. Nesse mesmo diapasão, apresenta-se uma análise e reflexão sobre Competência crítica da Informação (COINFO) e o papel informacional do usuário.

Fomentar as competências dos sujeitos sociais, tornando-os competentes em informação, é o princípio da COINFO. Atualmente a sociedade tem reconhecido a relevância da competência em informação, uma vez que desenvolve ações que proporciona aos indivíduos desenvolver a capacidade de reconhecer uma necessidade informacional, ter a capacidade de identificar e localizar uma informação,

bem como avaliar e usar efetivamente essa informação. Entendemos que abordar o papel do sujeito quanto à inclusão do mesmo no processo informacional está relacionado à competência em informação.

Objetiva situar o usuário como próprio mediador da informação buscada para suprir a sua necessidade. Esse processo tem se feito necessário para entender um contexto contemporâneo do objeto de estudo e campo da área da C.I.

O artigo explana um caminho teórico acerca das abordagens do sujeito no âmbito dos discursos epistemológicos da Ciência da Informação, discutindo aspectos dos usos da informação, dos paradigmas históricos, o desenvolvimento da competência em informação do sujeito, a competência crítica e, por fim, uma análise de caso para contextualização.

2 Conceitos de informação na Ciência da Informação

A Ciência da Informação, em processo histórico, surge a fim de solucionar os problemas relacionados à informação tendo como ferramenta o uso das tecnologias emergentes. Desde sua *gênesis*, a Ciência da Informação possibilita discussões e debates acerca de seu objeto de estudo e campo científico. Dentre diversos fatores, a sua interdisciplinaridade, que hoje se firma como sua principal corrente teórica-metodológica, é um dos fatores para que exista tantos recortes definitivos sobre seu objeto principal, a informação (SOUZA, 2015).

Buckland, em seu artigo, publicado em 1991, intitulado *Information as thing* percorre um caminho sobre o significado da informação e seus recortes de uso na Ciência da Informação. O autor parte de que qualquer coisa pode ser vista com caráter informativo, logo, tudo é informação. Qualquer coisa, seja ela tangível ou não, pode ser assimilada pelo ser, assim, transmitindo uma percepção que pode ser vista como informação.

O autor destaca três tipos de informação no âmbito da C.I., sendo elas:

1. *Information-as-process: que ocorre sobre o próprio ato de informar.*

2. *Information-as-knowledge*: que se relaciona com o processo de concepção e entendimento da informação para o sujeito, ressignificando-a em um processo cognitivo.

3. *Information-as-thing*: nessa característica, a informação se apresenta também além do processo cognitivo intangível, para o campo tangível, seja em suporte ou objeto específico.

A variedade de informação-como-coisa inclui dados, textos ou documentos, eventos ou objetos. A informação também pode se caracterizar pelo seu caráter observatório, onde se faz a *information as evidence* e *information as consense*, onde, respectivamente, a primeira se apresenta como característica da informação assimilada através do exame de algum evento ou objeto; e no segundo caso, quando já existe um consenso compartilhado tão grande sobre algum objeto que acaba tornando a informação nele quase incontestável.

Aqui, indaga-se então “quando a informação não é informação?” e, após escrever sobre os aspectos do que pode ou não ser perceptível, o autor fala que essa concepção de que tudo pode ser informação partindo da assimilação.

Nos coloca numa conclusão indefinida: Se qualquer coisa é ou pode ser informativa, então tudo é, ou provavelmente seja, informação. Em cada caso que classifica alguma coisa como “informação” é pouco ou nada para defini-lo. Se qualquer coisa é informação, então informação é algo banal (BUCKLAND, 1991, p.10).

Qualquer tipo de objeto, documento, dado ou evento pode ser entendido como informativo dependendo diretamente das circunstâncias e relevância por ele apresentado. Essa característica faz com que se perceba que a informação é circunstancial, de acordo com os aspectos em torno da concepção do sujeito em questão.

Assim, o sujeito se apresenta como uma parte do processo, se incluindo como um componente de extrema importância na concepção da informação e do conhecimento. Uma vez que o mesmo se apresenta como sujeito cognitivo e social, faz necessário que se fomente uma discussão maior acerca de sua natureza, no que concerne aos constructos sociais.

3 Paradigmas epistemológicos e o papel do usuário na construção de um objeto de estudo

Capurro (2003) acredita que a Ciência da Informação surgiu no século XX imersa em um paradigma físico, que foi questionado por uma visão cognitiva que se ressignificou em um paradigma social.

O paradigma físico subentende-se através de sua relação com a Teoria da Informação de Shannon e Weaver, no qual a informação recebida deve ser igual à informação transmitida, sem sofrer ruídos em seu caminho. Esse paradigma se relaciona diretamente com a concepção de Buckland (1991) de ‘informação-como-coisa’ em um nível de informação tangível.

No paradigma cognitivo, o sujeito é inserido no processo da informação, mas, aqui, se apresenta como um conhecimento ainda sem influência de um sujeito inserido numa realidade compartilhada ou no âmbito social que contemple uma pré-existência de qualquer tipo de conhecimento.

Contemplar o sujeito com uma característica cognitiva, se faz pensar nos limites o paradigma cognitivo que se apoia na metáfora de considerar a informação como algo separado do sujeito. No paradigma social, o sujeito é levado em consideração na sua plenitude, como parte ativa do processo da informação e um agente na criação do próprio conhecimento. Leva-se em consideração que o sujeito possui, por natureza, um pré-conhecimento, que é adquirido por seu ambiente compartilhado. E de que, ao absorver uma informação nova, o sujeito tem plena capacidade de assimilar como um novo conhecimento.

De acordo com Hjørland (2003), o objeto da C.I. é o estudo das relações entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos em relação às possíveis perspectivas divergentes de comunidades de usuários que possuem características próprias. Diferentes comunidades desenvolvem seus próprios critérios de seleção e relevância. Essa relação está conectada diretamente com o conceito da pré-compreensão ambientado na hermenêutica. Como se percebe em Capurro:

Vê-se aqui claramente que a avaliação de um sistema de informação não está baseada meramente no matching de um dado de entrada (input) com outro dado previamente registrado, mas que esse dado registrado é concebido como uma oferta frente à qual o usuário desempenhe um papel eminentemente ativo. Tal atividade procede não só de sua consciência ou de seus “modelos mentais”, mas seus conhecimentos e interesses prévios à busca estão de início entrelaçados nas redes social e pragmática que os sustentam (CAPURRO, 2003, p.24).

Ou seja, as pré-concepções (em sua formação social, acadêmica ou baseada em sua vivência compartilhada) do sujeito influencia na maneira com a qual o mesmo a concebe. Uma informação pode significar algo para alguém e outro algo para outro, sofrendo assim influências externas no seu processo de assimilação.

4 Competência em informação

A Competência em informação (COINFO) despontou na década de 1970, nos Estados Unidos, para designar as habilidades ligadas ao uso da informação eletrônica, sendo bem recebida por bibliotecários para fomentar sua prática profissional (CAMPELLO, 2003). Sendo precursor o bibliotecário americano Paul Zurkowski em seu relatório ‘*The information service environment relation ships and priorities*’, que recomendava que o indivíduo utilizasse os recursos informacionais para solucionar problemas profissionais, utilizando instrumentos de acesso à informação por meio de conhecimentos de técnicas e habilidades (GASQUE 2013).

Competência em informação é uma tradução de *Information Literacy*, pois na literatura brasileira existem diversos conceitos e traduções como alfabetização informacional, competência informacional, letramento informacional, Competência em Informação (PAULO, 2016), sendo a última consolidada pela Carta de Marília¹ em 2014.

¹ Documento resultante do III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências, realizado em setembro de 2014, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília (SP) (FARIAS; BELLUZZO, 2015).

Existem diversos conceitos acerca da Competência em Informação, mas todos estão de acordo sobre as habilidades e competências que o indivíduo venha possuir para se tornar competente em informação.

A maioria dos autores não distingue tais traduções, mas Gasque (2013), de

forma a expandir sobre o assunto, nos traz conceitos para algumas dessas, de modo que torna essas traduções em etapas para a competência em informação. Ainda de acordo com Gasque (2013), a etapa inicial seria a Alfabetização Informacional, quando o indivíduo começa a conhecer o universo de informações; O letramento Informacional, como o “[...] processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar a informação na resolução de problemas ou tomada de decisões”. Já a habilidade informacional, está associada à “[...] realização de cada ação específica e necessária para alcançar determinada competência”. Assim, chegando à Competência em Informação, na qual a autora classifica como a

[...] capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação. Ao longo do processo de letramento informacional, os aprendizes desenvolvem competências para identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos (GASQUE, 2013, p. 5-6).

Nesse conceito podemos visualizar a importância do indivíduo possuir habilidades para o desenvolvimento de competências no meio informacional, assim como usá-la de forma crítica e responsável. Pois, as informações chegam a cada momento de todas as partes do mundo, no meio de uma avalanche de informações no dia a dia. Desta forma, torna-se fundamental fazermos o uso correto da informação, principalmente priorizando o uso de forma responsável com ética e criticamente. Portanto, é importante adquirir tais habilidades, que segundo Campello (2008, p.10), são: “[...] localizar, interpretar, analisar, sintetizar e comunicar informação, esteja ela em fontes impressas ou eletrônicas” e competências em torno da informação.

4.1 Competência Crítica da Informação

Aborda-se a Competência em informação e a importância que ela tem em meio à sociedade em que estamos inseridos, cunhada como Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC). De acordo com Míssio (2007 apud FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2010, p. 11):

[...] o conceito Sociedade da Informação compreende a sistematização de um conjunto de transformações científicas e tecnológicas impulsionadas pelo desenvolvimento da microeletrônica, da informática e de suas tecnologias associadas, notadamente a partir do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial.

Desta forma, o autor nos traz o questionamento de como utilizar as habilidades e competências adquiridas de forma ética, portanto, responsável. Em meio a tantas informações, abre-se caminho a falsas informações (contextualizada, então, nos processos de *fake news*²), que nos traz a refletir a importância em abordar o tema, principalmente para o indivíduo ser de fato um cidadão crítico, ético, pensante e responsável no meio informacional.

2

Pode-se contextualizar aqui o fenômeno das Fakes News, ou Notícias Falsas, que tem ganhado bastante ênfase nas mídias sociais do Brasil desde 2017, surtindo debates e influência em diversas áreas da sociedade, influenciando, até, debates políticos. Para aprofundamento acerca do tema, ver Pangrazio (2018). Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=51688-74682018000100006&lng=es&nrm=iso.

Para falarmos acerca da Competência Crítica em Informação é de extrema importância saber o que é Ética, pois ela é protagonista da Competência Crítica da Informação, uma vez que possibilita critérios de discernimentos de valores morais. Ao utilizar a informação, o indivíduo será capaz de julgar de forma crítica a informação. Desta forma,

A ética é um campo da filosofia que produz estudos críticos, com ou sem propósitos normativos, dos valores morais e de seus fundamentos, ou seja, dos valores e fundamentos que estabelecem quais ações humanas devem ser consideradas certas ou erradas². Sob esta perspectiva, ela é necessária para a formação de um cidadão que distinga criticamente o bem e o mal (SCHNEIDER, 2017 *apud* BRISOLA; ROMEIRO, 2018, p.72).

Em qualquer comunidade é importante em seu meio ter valores morais para assim vivermos em uma sociedade civilizada, na qual o indivíduo terá mais sucesso na busca e disseminação de informações.

As autoras Brisola e Romeiro (2018, p.75) afirmam que a Competência Crítica em Informação prepara o usuário a ter uma visão crítica da informação, e também “para distinguir entre o que é relevante e/ou irrelevante, buscar fontes seguras de informação, hierarquizar as informações, utilizá-las, produzir novas informações, ser criativo, contextualizar etc.”. Da mesma maneira, Campello (2008) cita as habi-

lidades de “localizar, interpretar, analisar, sintetizar e comunicar informação” como subjetivo do indivíduo que desenvolveu a competência em informação.

Brisola e Romero (2018) nos trazem como Competência Crítica em Informação uma forma mais ampla do que o conceito da Competência em Informação sustenta. Ambas sustentam o saber buscar, selecionar, sintetizar e fazer o uso da informação de forma que atenda com eficiência, que seja eficaz de modo ético e que contribua com a sociedade. O estudo das autoras aprofunda em análise o indivíduo competente em informação, desta maneira trazendo uma nova terminologia.

4.2 Análise de caso

Análise do caminho percorrido pelo usuário, através da rede social Twitter, publicado através de uma ‘*thread*’³, para checar as informações existentes em publicações relacionadas a um vídeo promocional de uma marca de produtos de higiene masculina e sua aderência ao movimento #MeToo⁴. O vídeo em questão traz imagens sobre a construção social da masculinidade, assédio sexual e um debate sobre esse movimento.

3

Thread, também popularizada como ‘fio’ na rede social, é uma espécie de publicação contínua de *tweets* onde um se responde ao outro, criando assim uma linha de publicações ligadas e em ordem contínua.

4

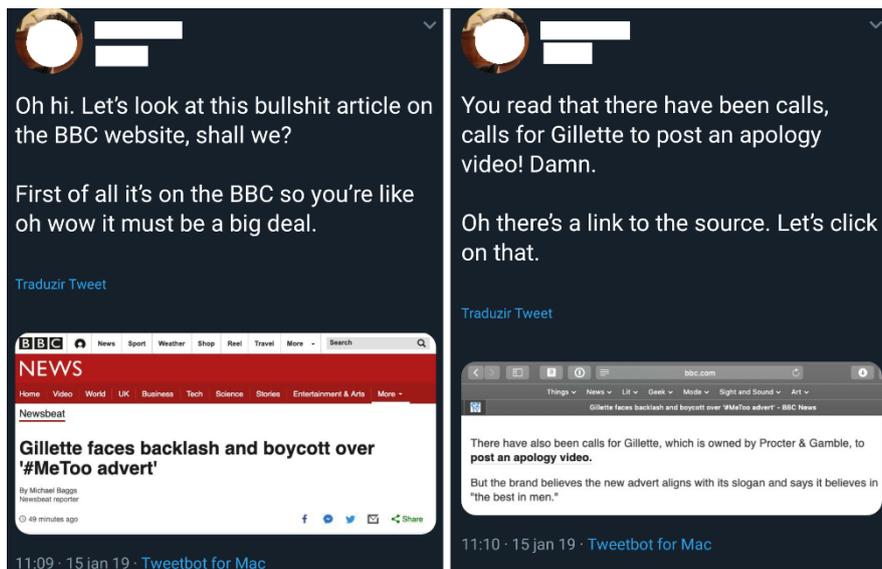
“Esse movimento conseguiu que a sociedade, pelo menos na esfera pública, jogue a carga da responsabilidade sobre o assediador, e não sobre as mulheres. Deu a elas credibilidade e estabeleceu que desde a violência de baixa intensidade, com comentários inoportunos, até o assédio sexual mais inoportuno é responsabilidade de quem agride”, destaca a professora Laura Nuño, titular da cadeira de gênero da Universidade Rey Juan Carlos, na Espanha” (SAHUQUILL, MARÍA R.; MARS, AMANDA, 2017).

O site de notícias BBC publicou em sua plataforma digital uma reportagem intitulada “Gillette sofre *backlash* e boicote sobre aderência ao movimento #MeToo”⁵. O usuário em questão, que identificaremos pelo pseudônimo de A.I., após ler o artigo, propõe uma discussão acerca das fontes de referências utilizadas pelo site (Figuras 1 e 2).

5

Disponível em: <https://www.bbc.com/news/newsbeat-46874617>.

Figuras 1 e 2 - Proposta e resumo do fato.



Fonte: screenshot⁶ de publicação feito pelos autores.

O usuário, após a leitura do artigo, identifica a fonte de referência utilizada. Um homem demanda que a empresa em questão publique um vídeo de desculpas e que coloque todos os homens da empresa para participarem de uma leitura coletiva de *Men Rights Activists* (MRA), que se relaciona com a existência de discriminação contra homens – que aqui não se entra em méritos, mas abre espaço para uma discussão maior acerca desses aspectos. Ao clicar no perfil secundário em questão, percebe-se que o mesmo possui apenas 18 seguidores na rede social.

6
Tradução de 'foto da tela'. Modalidade ligada ao procedimento realizado através de uma função no smartphone..

A.I. conseguiu rastrear até o ponto específico da referência utilizada, sua veracidade argumentativa e se a informação se dava de uma fonte confiável ou não. Ele fala, em um *tweet*⁷ quente que “pode-se construir qualquer tipo de narrativa procurando na internet qualquer tipo de pessoa que clama por algo e esse processo não consegue tornar esse algo relevante nem verdadeiro” (tradução nossa).

7
Tweet é o termo que se dá para uma publicação pela plataforma Twitter.

Segue, assim, para um posterior *tweet* referenciado na publicação da BBC. Ele refaz todo o processo anterior até chegar no usuário terceiro, o qual possui apenas 06 seguidores, ou como ele fala “menos seguidores que a quantidade de dedos que ele possui” (tradução nossa). Na análise dos demais *tweets* da publicação, permaneceu as principais características: um com 13 seguidores e outro com 4 seguidores, ambos com fotos meramente ilustrativas e códigos de usuários com caracteres numéricos. Além de apresentar características de contas robóticas, por não se utilizarem de dados ou fotos pessoais.

Ao buscar alguma outra matéria relacionada ao suposto boicote à marca, A.I. chega a uma publicação da Time Magazine, intitulada “Gillette causa turbulência com nova propaganda controversa que destaca a masculinidade tóxica”⁸. Nessa publicação, relata-se que existem pessoas que deram suporte à marca e pessoas que querem propor um boicote a ela e sua companhia representante (Figura 3).

⁸ Disponível em: <http://time.com/5503156/gillette-razors-toxic-masculinity/>.

Figura 3 - Tweet de boicote



Fonte: screenshot de publicação feito pelos autores

Em tradução nossa, o *tweet* se apresenta “Eu não irei mais dar suporte para sua companhia. Eu nunca me desculparei por ser um homem só por vocês querem que eu faça parte do movimento politicamente correto. Um dia triste quando

o melhor que um homem pode fazer é chamar a atenção de outros homens só por serem homens #gilletteboicot”.

O conteúdo desse texto é basicamente o que todos os outros falam, de forma direta ou indireta, sobre a crítica à frase “garotos serão garotos” feita pela empresa ao tentar ressignificar a masculinidade e abrir um debate mais amplo às ações masculinas e o papel do homem na sociedade. E o autor do *tweet* supracitado, como os autores dos *tweets* relacionados à publicação da BBC, apresentam um baixo número de seguidores na plataforma.

Para essas indagações acerca das fontes utilizadas, o usuário Agril Ismail, fala que não está propondo uma discussão baseada apenas nos números grandes de seguidores na rede, mas, quis iluminar uma percepção de que não tem como saber a real veracidade dessas contas ou se foram criadas para um objetivo específico por alguém com intenções. E que organizações noticiárias não deveriam de nenhuma maneira confiar nessas fontes sem nenhum tipo de aprofundamento, dado o reconhecimento e o tamanho de abrangência de alcance do veículo relacionado.

Não se entra no mérito das discussões acerca do teor do vídeo e suas implicações, além de não se discutir os aspectos nele retratados. O caso se faz aqui para demonstrar o processo do usuário para entender a natureza e veracidade da informação a qual ele buscava.

O usuário entendeu da sua necessidade, buscou a informação para supri-la e não apenas absorvendo o que estava de fácil acesso, o usuário buscou entender o processo da informação e a veracidade da sua natureza, para assim, decidir se poderia usá-la ou não em algum contexto.

5 Considerações finais

O modelo de comunicação de Shannon e Weaver parte do princípio de que uma informação é produzida através de uma fonte, essa mensagem é transformada em sinais ou signos por um transmissor, que, conseqüentemente, se adapta ao canal

de transmissão. Nesse canal, é o principal momento onde se pode adicionar ruídos (influência externa) à informação. A mensagem, então, chega ao seu receptor para alcançar o seu destino (MARTINO, 2014).

Esse processo se dá no âmbito da transmissão sem identificar características e fatores existentes, ou pré-existentes, no receptor; assim, parte de um pressuposto de que a informação recebida é a mesma que foi transmitida.

A compreensão da informação é subjetiva e de acordo com a natureza do receptor. Entende-se que a informação tem, por dedução, informar. É algo, seja tangível (vide Buckland, 1991) ou intangível, que possui caráter informativo e que pode ser assimilado. O processo de assimilação de uma informação é o que se discute acerca de buscar entender o sujeito em questão e suas implicações no processo da informação e da criação de conhecimentos.

A análise de caso busca demonstrar o processo de usuário, contextualizando com a competência crítica em informação, na sua busca para entender a natureza da veracidade de uma informação. Busca essa que partiu de um ponto indagativo sobre o que pode vir a ser ou não informativo para o mesmo. O usuário que entende suas necessidades, sabe como supri-la, e vai além: entende se deve ou não usar a informação buscada.

O usuário que entende de onde vêm as suas necessidades, parte de um processo de autoanálise. Entende sua natureza, sua situação em um ambiente compartilhado, seu papel social, político e econômico; as particularidades de si próprio, elevando assim uma discussão maior sobre as percepções da ética, ao entender se pode se utilizar de uma determinada informação ou não.

Referências:

BRISOLA, Anna Cristina; ROMEIRO, Nathália Lima. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 68-87, set. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054/1054>. Acesso em: 03 fev. 2019.

BUCKLAND, M.K. Information as thing. Journal of the American Society for Information Science (JASIS), v.45, n.5, p.351-360, 1991.

CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19021.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2019.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na Educação para o século XXI. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed., 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. Anais[...]. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315/25246>. Acesso em: 03 fev. 2019.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the Socio-Cognitive Perspective in Information Science. *JASIST*, 2002.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria da comunicação: ideias, conceito e métodos. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MISSIO, Edvaldo Renê. Sociedade da informação: elementos de uma ética da integração na era do "Homem do Código de Barras". Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

SAHUQUILLO, María R.; MARS, Amanda. 'Eu também' reforça revolução das mulheres que responsabiliza o assediador, e não mais a vítima. *Madri*; Washington. 24 dez 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371_076739.html . Acesso em: 01 fev 2019.